

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Anos

Class.: 81X - Produção Cultural

Data: 20/08/88

Pg.: 635

Foto de Paulo Marcos



Tacumã, o cacique camaiurá, durante a Dança dos Papagaios, no centro de sua tribo, a 20 minutos de carro do acampamento Kuarup

■ 'KUARUP' NO XINGU - 4 ■



MIGUEL DE ALMEIDA

Os índios, a festa indígena, 40 graus, tucunará. Pelo refeitório, pela selva, Sapaim, Barriga, Aritana, Sapaim, da tribo Camaiurá, é pajé, fez a pajelança em Ruschi, o naturalista. Barriga, um dos atores principais de "Kuarup"; Aritana, cacique e relações exteriores dos Iualapiti. Eles parecem crianças, sempre sorridentes, deixam os carabas surpresos com uma filosofia direta, simples. Barriga, perguntado por Roberto Fonseca, produtor do filme, se estava gostando do trabalho, disse: "Depois de terminar tudo, vou dormir uma semana". Fonseca: "O que foi, Barriga? Está tão cansado assim?" Barriga: "Não. É para acabar com as saudades de vocês".

De novo, touchê. Hoje é dia de festa. Os camaiurás farão a Dança dos Papagaios. Bonfim, Pomar e eu combinamos sair às 7h da manhã. Um pouco antes, Bonfim bate em minha barraca e vai acordar Pomar e Tere-

# Programa de índio

sa. Tomamos um rápido breakfast (café, leite, presunto, queijo, mamão) e caímos na Toyota. Deus, a Fernandinha Torres resolveu ir junto também, mas antes tinha de trocar de roupa. Barriga já está montado na carroceria. Pomar e Teresa na cabine. Tudo pronto, vamos aos camaiurás. Faz sol e Ewerton de Castro parece Conan Doyle.

A estrada é acidentada, povoada de buracos. Em volta, alguns animais. O verde do Xingu não é como o verde da Amazônia-alta. Soa um tanto mais desbotado, um foco mais baixo, a precisão errou na coloração. As árvores são imensas, seculares, mas parecem felizes com a idade. Esse sol deixa a gente largado, com voz de Gabeira, uma leseira só. Bonfim é o único que fala sem parar, aquela matraca. Pudera, filho de índio e alemã, suporta as agruras gloriosamente. Conta que sempre quis ser ator de "Kuarup". Imaginou que seria um índio — "a especialidade da casa", afirma. Virou Olavo, um piloto que resolveu largar o ar, cair na terra e se integrar à expedição em busca do Centro Geográfico Brasileiro.

No caminho, a tribo Iualapiti. É

como eu imaginava: malocas em círculo, crianças brincando, um céu de brigadeiro e um campo de futebol no centro. A casa dos homens tem alguns desenhos no topo. A garotada vê a perua e corre atrás. Surge o lendário Sapaim, meu amigo. É um índio aparentando mais de 40 anos, sorridente. Dois dias atrás, ele apareceu no acampamento com alguns cigarros de pajé. Tive de fumá-los, é claro. Por pouco não preciso de uma UTI de pajelança: ô troço forte. É um cigarrinho fino, cor verde, feito com ervas, fumo do mato, envolvido por uma folha.

André Cecato, vivendo Vila-Verde, há dias foi em uma festa indígena. Logo se integrou ao cenário. Os índios ficam em círculo, só observando o caraíba. As mulheres, que pena, não se aproximam, num sinuoso respeito. Tocam músicas, cantam, dançam e Cecato teve de fumar com eles. Quase morreu de tanto tragar aquele cigarro. É um ato de "seja bem-vindo" e o ator quase foi indo ao bebelê. Mal acabava um fininho e o índio já fazia outro. Tentou dormir: foi acordado por dezenas de autóctones entusiasmados. Eu, heim.

Ruy Guerra, o diretor. Figura. Foi conversar com os ticões, uma tribo do Baixo-Xingu, trazida para o Parque por Orlando Villas-Boas. São baixotinhos, atarracados, sem barriga, lembram Tim Maia. Mas extremamente sem humor. Guerra negociava a participação deles — CZ\$ 10 mil para cada índio diariamente — em uma parte da filmagem. Melabô, o cacique, só queria dizer da tradição guerreira da tribo. Parecia violentamente revoltado com tanta paz, sombra e água fresca. Guerra ouviu de Melabô, insistentemente, que sua aldeia era a mais bonita, a mais forte, a que tinha a melhor música. O doído do moçambicano resolveu pedir para ouvir algumas canções. Pensou que os índios iriam tocá-las. Que nada. Melabô puxou um gravador e lançou uma fita. A cada solo de flautas, Melabô dizia, pegando no braço do diretor: "É lindo, é lindo". Egberto Gismonti, que fará a trilha sonora do filme, vai me confirmar isso.

A festa ainda não começou. Estou com sono, Fernandinha Torres reclama das picadas dos insetos e eu gostaria de uma água tônica. Um longo dia nos espera, o sol também.